

A TARDE Caderno

No MAM, mais uma exposição (Roteiro)

Veja as atrações do final de semana na capital

(CONTRACAÇA)

REFORMA DO MAB

Totalmente demais!

O Museu de Arte da Bahia reabre hoje com o prédio e o acervo completamente reformados, virando uma página triste da história baiana da arte.

Consuelo Novais Sampaio

prédio sofreu uma pintura geral, a parte externa revestida com duril, material muito usado no século XIX. Na cor bege, a sua textura é arenosa, brilhante, realçando a dignidade do MAB. A monumental porta de entrada, em vinhático e jacarandá, entalhada com painéis em baixo-relevo, também recebeu brilho novo.

O acervo do MAB é constituído de várias coleções particulares, entre as quais se destacam a de pintura do conselheiro Jonathas Abbott e a de objetos de adorno e mobiliário do ex-governador Francisco Marques de Góes Calmon.

Porte aristocrático, Jonathas Abbott foi um notável inglês que aos 12 anos veio para a Bahia — das coisas da terra se agradou, por sua gente se apaixonou e por aqui ficou. Nas suas idas ao Velho Continente, trouxe belas telas a óleo, que, juntando a outras não menos preciosas de pintores baianos, formou, ao longo dos anos, uma estupefante coleção de 403 telas — núcleo original do antigo MAB. Cerca de 200 dessas telas foram submetidas a cuidadoso trabalho de recuperação, desenvolvido com esmero por equipes especializadas, em várias etapas: limpeza e remoção da camada de verniz oxidado, emassamento e preenchimento das lacunas, ulimos retoques e reentelamento final.

SALÕES DE EXPOSIÇÕES

O acervo do MAB está exposto no andar térreo e no piso superior do prédio, ligados por majestosa escadaria de mármore branco, guarnecida de rico corrimão com elementos de talha barroca. No térreo, está o Salão de Exposições Temporárias, precedido por amplo e luminoso hall, no qual se encontram as famosas Alegorias das Quatro Estações, vindas da Itália e que até os anos 30 embelezavam a entrada do Elevador Lacerda. Nobremente atapetado, nele está exposta a maioria das telas recuperadas. Ao lado de cada uma, colocou-se uma fotografia que documenta o estado em que antes se encontrava. Invariavelmente, um estado deplorável. O contraste é espantoso. Da ao visitante uma ideia da dedicação e competência dos nossos restauradores e, ao mesmo tempo, uma sensação de alívio, por não se haver perdido tão preciosas obras de arte. Merecem destaque o *Retrato de Rodrigues Lima*, de Vieira de Campos, o *Retrato de Pedro Viana*,

No primeiro piso, observa-se que painéis e vitrinas foram cuidadosamente colocados para definir os dois roteiros básicos: o das artes plásticas e o das artes decorativas. A nova iluminação, perfeitamente dimensionada, destaca e valoriza as obras de arte.

O Salão de Exposição Permanente está organizado em amplos alvéolos, formando ângulos e circuitos de passagem. Assemelha-se a uma grande colmeia, concebida de modo a permitir a reconstrução da história da pintura baiana — cada alvéolo ocupado por um dos nossos artistas. A disposição de cada espaço, a iluminação com lâmpadas decroica, as janelas apropriadamente guardadas de tecido leve revelam o bom gosto e o zelo extremo dos organizadores da exposição.

Desempenhando o papel de anfitriões, estão o imponente Jonathas Abbott, retratado por Manoel Lopes Rodrigues (1825-1893), o 3º Barão e a Baronesa de São Francisco, pintados por Miguel Navarro y Carizares (1835-1913), fundador da Escola de Belas Artes da Bahia. Parecem convidar o visitante a penetrar no corredor Teófilo de Jesus (1780-1833), que ganha enorme dimensão com os belíssimos *Rapto de Helena*, *Morte de Lucrecia* e as *Alegorias dos Quatro Continentes*. Esse corredor desemboca no espaço reservado a José Joaquim da Rocha (1737-1807), mestre de Teófilo e fundador da Escola Baiana de Pintura. Ali estão os famosos painéis bifaces, que, representando os *Passos*



A fachada, com sua porta seiscentista, recebeu tratamento especial. Abaixo, detalhe do interior

Quando o leitor transpuser a magnífica portada seiscentista do Museu de Arte da Bahia (MAB), ficará deslumbrado com a beleza e a riqueza que se encontram neste belo casarão. O MAB acaba de ser submetido a uma reforma total, que abrangeu tanto a sua estrutura física quanto o seu acervo. Cerca de 200 telas, com suas respectivas molduras, 80 imagens, mobiliário, porcelanas e objetos de adorno agora exibem os olhos do visitante, porque foram recuperados.

Fundado em 1918 pelo historiador Francisco Borges de Barros, e o mais antigo museu do estado. Perambulou pelos quatro cantos da cidade, até ser finalmente instalado, em novembro de 1982, pelo então governador Antônio Carlos Magalhães, no imponente Palácio da Vitória. O Solar Góes Calmon, que ocupa por muito tempo (1946-1982), foi doado pelo mesmo governador à Academia de Letras da Bahia. Cada coisa no seu devido lugar, manda o bom administrador.

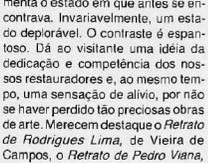
No entanto, após a reforma a que foi submetido na gestão Emanuel Araújo, tanto o imóvel quanto o acervo do MAB foram relegados ao esquecimento. No desastrosos governo Nilo Coelho, o belo prédio e as valiosas coleções nele contidas deterioraram-se rapidamente. As telas do andar superior tiveram de ser retiradas às pressas, para que não sofressem danos maiores, devido a goteiras que em dias de chuva inundavam o andar. Mas o que poderiam as artes esperar de um governo que usou rifles para fazer calar jovens estudantes que protestavam contra as más condições do ensino?

Foi, portanto, em estado lastimável que Sylvia Athayde recebeu o MAB para administrar. Não ilibou. Reuniu a sua equipe de museólogos e técnicos e deu vazão à sua enorme paixão pelas artes, fruto de incontáveis competência profissional. Devido aos entraves dos meandros burocráticos da administração estadual, foi obrigada a pedir licença-prêmio a que tinha direito na UFBA para poder dedicar-se, de corpo e alma, à reforma do MAB. Deslembada, Sylvia elaborou um projeto de recuperação ousado, abrangendo toda a instituição. Afinal, ela já havia enfrentado grandes desafios — sempre transformados em vitórias retumbantes —, tais como a implantação do Núcleo de Arte do Desembarco, a internacionalmente famosa exposição "Três: um objeto de arte?", realizada em Portugal, com o patrocínio da Gulbenkian, e a não menos festejada *Namor à Antiga* — inesquecível homenagem aos 90 anos de amor e de saber que o mestre Theobaldo de Azevedo levou à Bahia.

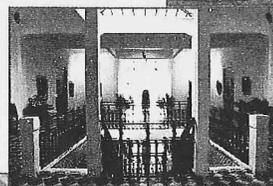
de Cunha Couto, notáveis retratistas de uma época em que grandes retratos a óleo ornavam as paredes das mansões coloniais. *Disputa entre Cosmógrafos*, também de Cunha Couto (1894), é uma das mais belas telas recuperadas. A identificação da sua autoria só foi possível após a remoção de espessa camada de verniz oxidado, que encobria a pintural

ESTRUTURA FÍSICA

A reforma começou pela estrutura física do prédio: o velho telhado cheio de goteiras, a rede elétrica e a hidráulica, que colocavam em risco as ricas coleções, foram substituídos por novos; os pisos dos dois pavimentos também foram trocados. O



O acervo, composto por telas, imagens, mobiliário, porcelanas e objetos de adorno, também foi recuperado



da *Paixão de Cristo*, conduzindo os devotos pelas estreitas ruas coloniais de Salvador.

À sua direita, está outro discípulo bem-amado, Franco Velasco (1780-1833), que, sem abandonar os motivos sacros do mestre, tendeu para retratos, tão requisitados, numa época em que a fotografia ainda não

havia surgido. Seguem-se os demais alvéolos, com pinturas sacras de Rodrigues Nunes (1800-1881), que dão passagem a outras mais recentes, de Vieira de Campos (1865-1943), Manoel Lopes Rodrigues (1859-1917), mestre de Presiliano Silva (1883-1963), imortalizador de interiores das nossas igrejas. Mendonça Filho (1894-1964) comparece com belas marinhas, e Alberto Valença (1890-1983) com coloridas paisagens da Bahia. Em tamanho natural, um belo nu de notável luminosidade, pintado por Vieira de Campos, conduz o visitante ao salão de porcelanas e cristais. Acreditem, se quiserem, mas esta tela, agora recuperada, jazia dobrada num canto qualquer do museu!

PORCELANAS & MOBILIÁRIO

A Galeria das Porcelanas bem como a Seção de Mobiliário reúnem as coleções Góes Calmon. São mais de mil peças de porcelanas orientais, dentre as quais grandes jarros e estatuetas, expostos de acordo com a mais moderna técnica museográfica. Ali se encontram belos exemplares dos *Cães de Fô*, guardiões de templos chineses, que remontam ao século XVII. Merecem destaque as esguias estatuetas da Deusa da Misericórdia e da Deusa do Ocidente, em

porcelana "blanc de Chine". Este rico conjunto introduz o visitante aos diversos ambientes, evocativos das grandes mansões dos séculos XVIII e XIX. A sala de visitas, iluminada com candelabros de cristal da Boêmia, está decorada com móveis estilo D. João V, dentre os quais uma bela cômoda-escrivãzinha. No quarto de dormir, majestosa cama de dossel com bilros, no mesmo estilo, e imponente cômoda de jacarandá, ornamentada com jarros de opalínia, revelam o bom gosto e o conforto que desfrutavam os membros da classe alta. Continua a este aposento está uma rica peça, indispensável nos casarões da época: o oratório, com os santos de devoção da família. Segue-se uma bela cômoda marchetada que, como as demais peças, foi submetida a cuidadosa restauração. No decorrer desse processo, removida a camada de massa vermelha que cobria elementos decorativos, colocou-se em destaque um dos mais belos exemplares rococó, estilo D. José!

Nada falta para nos fazer reviver uma mansão de outrora. Todos os ambientes estão decorados com quadros de pintores europeus e ricamente ornamentados com vasos de opalínia, peças de prata e cristal. Como mandava o figurino de então, os vidros das janelas estão guarnecidos de ricos frulurs e cortinas rendadas, mandadas vir de Paris, para melhor evocar a atmosfera da época. Nada

escapou ao olhar atento, sensível e perspicaz de Sylvia Athayde e de sua equipe de trabalho.

O processo de recuperação do MAB durou três anos e meio, coincidindo com a gestão Sylvia Athayde. O custo da restauração do acervo, estimado em cerca de US\$60 mil, foi coberto pelo estado (50%), pelo Ministério da Cultura (15%), através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), e pela Fundação Vitea (35%), sustentáculo das artes neste País. A Odebrecht, que não poderia faltar a tão importante empreendimento, colaborará com a necessária climatização do Salão de Exposição Temporária, que, deste modo, estará capacitado a receber obras de arte dos mais famosos e exigentes museus do mundo.

O povo baiano está de parabéns. As obras de arte que agora se encontram no MAB, totalmente recuperadas, devolvem-lhe um pouco do seu passado, fazendo crescer a sua crença no futuro.

Ficha Técnica

O que: solenidade de reabertura do Museu de Arte da Bahia

Onde: Corredor da Vitória

Quando: hoje

Horário: 20h30min.